



**João Gabriel Ferré de Souza // GO, Brasil** “Minha obra retrata a visão de Paulo Freire sobre o posicionamento político da população.”

# A auto-investigação na práxis do Levante Popular da Juventude

**Letícia Archanjo Freitas<sup>1</sup>**

**Resumo** // No período entre 2018 e 2021, desenvolvi uma auto-investigação enquanto participante do Levante Popular da Juventude em Londrina e graduanda do curso de Ciências Sociais na Universidade Estadual de Londrina. A partir dos resultados do trabalho de conclusão de curso (TCC) de minha graduação, busco relatar e sistematizar a experiência da auto-investigação no contexto em que ocorre e, ao mesmo tempo, provocar a reflexão sobre importantes elementos da práxis e para a práxis das organizações populares. Ao longo do texto, traço diálogos e relações entre os pensamentos de Orlando Fals Borda e Paulo Freire e os fundamentos, as táticas e a estratégia revolucionária do Levante Popular da Juventude e das organizações do campo político do Projeto Popular.

**Palavras-chave** // Levante Popular da Juventude, práxis, auto-investigação.

---

1 Militante do Levante Popular da Juventude e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina.

Escrevo esse texto enquanto educanda e educadora na prática educativa do Levante Popular da Juventude (Levante) e também enquanto sujeito e objeto da investigação que desenvolvi sobre esta organização da qual faço parte. Assim, buscarei inicialmente construir as relações existentes entre o método de investigação elaborado por Orlando Fals Borda<sup>2</sup>, utilizado na pesquisa sobre o Levante em Londrina, e o pensamento de Paulo Freire, para depois apresentar o relato da experiência, bem como os resultados e desafios apresentados a partir do seu desenvolvimento.

A elaboração deste relato sobre a investigação<sup>3</sup> envolveu para mim o compromisso com e a consciência da necessidade permanente do processo de ad-mirar a anterior ad-miração da realidade, característico das educandas e dos educandos envolvidos na prática, na teoria sobre a prática e na prática da teoria de sua prática (FREIRE, 1982).

O exercício desta escrita, portanto, representa a ad-miração da anterior ad-miração que fiz da prática educativa do Levante. Dessa forma, me levou simultaneamente a novas reflexões sobre a minha prática investigativa e educativa, ou seja, à ad-miração do ato de ad-mirar e do objeto ad-mirado, abrindo a possibilidade de superar os erros ou equívocos cometidos em minha ad-miração passada (FREIRE, 1982).

Contanto que o caráter deste texto, diante de seu formato e tipo de publicação, é de provocar para o aprofundamento sobre os temas discutidos, considero importante o seguinte trecho do texto *Ação Cultural para a Liberdade*:

“Ad-mirar” e “ad-miração” não tem aqui sua significação usual. Ad-mirar é objetivar um “não-eu”. É uma operação que, caracterizando os seres humanos como tais, os distingue do outro animal. Está diretamente ligada à sua prática consciente e ao caráter criador de sua linguagem. Ad-mirar implica por-se em face do “não-eu”, curiosamente, para compreendê-lo. Por isto, não há ato de conhecimento sem ad-miração do objeto a ser conhecido. Mas se o ato de conhecer é um processo – não há conhecimento acabado – ao buscar conhecer ad-miramos não apenas o

---

2 Ao fim da década de 1970, Fals Borda se debruça sobre as experiências de investigação com grupos indígenas e de trabalhadores rurais que ocorre entre 1970 e 1976 na Colômbia (FREITAS, 2021).

3 Desenvolvida em meu Trabalho de Conclusão de Curso na Graduação de Ciências Sociais na Universidade Estadual de Londrina.

objeto, mas também nossa ad-miração anterior do mesmo objeto. [...] Talvez não seja demasiado insistir em que este esforço, desenvolvido no contexto teórico, se esvazia, se se rompe a unidade dialética entre este contexto e o contexto concreto. Em outras palavras, se se rompe a unidade dialética entre prática e teoria. (FREIRE, 1982, p. 53)

Quando Paulo Freire (1982) diz que não há ato de conhecimento sem ad-miração do objeto a ser conhecido, ele fala de um objeto desconhecido a ser conhecido por meio da ad-miração. E se não há conhecimento acabado, é permanente, ainda que se possa conhecer o desconhecido, a existência do desconhecido. Este entendimento está também presente nas reflexões de Orlando Fals Borda sobre o processo de produção de conhecimento científico comprometido com a transformação radical da sociedade por meio da investigação vinculada à ação das massas populares (FALS BORDA, 1981).

Para Fals Borda (1981), o conhecimento científico emergente ou subversivo, ou seja, comprometido com a transformação radical da sociedade, só é possível se se vincula a teoria à prática. Pois, quando a unidade dialética entre teoria e prática não é levada em conta como necessária, a produção de conhecimento científico acaba por ocultar as incoerências e inconsistências do sistema capitalista. Sobre este tema, Fals Borda entende que:

[...] O problema da relação entre o pensar e o atuar se resolve reconhecendo uma atividade real das coisas a qual só se adquire com a prática que, nesse sentido, antecede a reflexão; é na prática que o objetivo é demonstrado, que é a matéria em movimento. (FALS BORDA, 1978, p. 3, tradução minha)<sup>4</sup>

Antes mesmo do início do desenvolvimento da Investigação Ação Participativa (IAP) sobre o processo político-pedagógico do Levante, já eram colocados pela prática alguns objetivos os quais a investigação teria. A seguir, pontuo esses elementos presentes no trabalho *Juventude em Movimento: método*

---

4 No original: “[...] El problema de la relación entre el pensar y el actuar se resuelve reconociendo una actividad real de las cosas a la cual sólo se adviene por la práctica que, en este sentido, es anterior a la reflexión, allí se demuestra la objetiva, que es la materia en movimiento.[...]”

de investigação e prática educativa (FREITAS, 2021) e que apareceram na prática anterior ao processo de investigação:

- a. Ter uma produção acadêmica condizente com minha visão de mundo e responsabilidade social;
- b. Produzir um estudo que pudesse retornar à organização;
- c. A demanda por uma sistematização sobre o contexto histórico e sobre a prática do Levante;
- d. A necessidade de qualificar o processo de formação política no seio da organização;
- e. Uma confusão no uso do termo “movimento social” para tratar do Levante, dentro e fora da organização;
- f. A necessidade de aprofundar a minha compreensão e a elaboração sobre a juventude.

Foi na socialização de alguns destes aspectos no Grupo de Pesquisas dos Relatórios dos Direitos Humanos (RDHs) que surgiu a sugestão de Maria Fernanda Vallejo no ano de 2018 de que eu buscasse aprofundar meus conhecimentos sobre o pensamento de Orlando Fals Borda. Os escritos, sistematizações e reflexões da prática dos investigadores que compunham os trabalhos desenvolvidos por Fals Borda na participação da organização de grupos de trabalhadores rurais e indígenas forneceram uma base teórica riquíssima para que eu me debruçasse sobre a prática do Levante em Londrina.

Os estudos sobre o autor, mediante um esforço permanente de compreensão, na insistência em ler e reler diferentes obras como *Por la praxis: El problema de cómo investigar la realidad para transformarla* (1978) e *La ciencia y el pueblo: nuevas reflexiones* (1981), em sua totalidade e, depois, em suas partes, foi me fornecendo um guia aberto para a auto-investigação que se desenvolvia. Assim, foi possível experimentar de fato o estudo sistemático vinculado à prática concreta. Foram características pertinentes ao trabalho desenvolvido (FREITAS, 2021, p. 19):

- a. A sistematização da compreensão da situação histórica e social da juventude sujeita à precarização do trabalho e da educação e à crise social, política, econômica, e, mais recentemente sanitária, é um esforço central;
- b. Os levantamentos e discussões envolveram quadros da organização e a base na cidade de Londrina;
- c. O trabalho foi pensado de forma autônoma, embora em todo seu desenvolvimento tenha ocorrido contatos e trocas, tanto com pessoas que se interessavam pelo pensamento e pela metodologia quanto em instâncias da organização.

A investigação envolveu a recuperação crítica da história da organização e das relações com movimentos sociais, a sistematização da experiência enquanto participante do Levante, diálogo reflexivo com o grupo e com uma dupla de militantes com trajetórias diferentes na organização e o esforço permanente de se considerar o processo de produção do conhecimento, o contexto cultural do grupo e a estrutura de poder da sociedade.

No decorrer do processo vivenciei muito a insegurança de quem temia, por um lado, produzir um trabalho que não fosse considerado científico pela Academia e, por outro, que fosse considerado prescindível ou academicista para a organização. Ao mesmo tempo, percebi como a introjeção dos valores neoliberais e da educação bancária, tão presentes no contexto cultural do qual faço parte, tratava de tentar invalidar minhas percepções como parte do processo de produção de conhecimento.

A maior expressão dessa insegurança se deu na elaboração do caderno de campo, em que não houve uma regularidade de escrita ao longo dos dois anos de pesquisa, e em minha atuação nos diálogos reflexivos e entrevistas, que fiz/participei com certo nervosismo e apreensão sobre sua assertividade. Considerei também que um dos maiores desafios, diante da necessidade do método da IAP de reflexão e ação por turnos, foi o de retornar ao momento de reflexão quando me colocava mais para a ação da organização (FREITAS, 2021).

A investigação demonstrou que os espaços de formação da Escola Nacional de Formação Emerson Pacheco (que reflete sobre os temas considerados básicos para compreender a organização) e dos Estágios Interdisciplinares de Vivência

(EIVs) desenvolvidos no Paraná, no período entre 2018 e 2020, contribuíram na apreensão e apropriação da militância das táticas e estratégia da organização, bem como na consciência crítica desses sujeitos sobre as estruturas de dominação vigentes nas sociedades, como o patriarcado, o racismo e o capitalismo (Ibidem). É presente, ainda assim, a demanda por parte da militância de que se aprofunde sobre os temas trabalhados na Escola Nacional de Formação Emerson Pacheco.

Composto em sua maioria por jovens que acessaram o ensino superior e oriundos das classes médias e populares, o grupo aponta para caminhos de transformação através da organização para a luta, expressa nas manifestações, protestos e em nossos gritos de ordem. A indignação nessas e nesses jovens com a realidade de desigualdades é percebida como um sentimento anterior à participação no Levante (Ibidem).

A investigação demonstrou também que há uma compreensão na militância de que as escolas são um espaço essencial para a construção de outros e novos horizontes. E que embora seja hoje um lugar de reprodução das estruturas de dominação, visualizam a possibilidade de transformação da consciência nesse espaço, através de professores que trabalhem os conteúdos levando em conta os conhecimentos prévios dos educandos (Ibidem).

Foi notável o sentimento de pertença das e dos militantes ao Levante Popular da Juventude que, ao serem apresentados através de uma fotografia para um grupo que se organiza em outra região do país, se reconheceram nos rostos e na luta desses jovens que também se organizam no movimento. Foi presente nessas reflexões o reconhecimento de bandeiras históricas das classes populares no Brasil como suas, como a Reforma Agrária, a Educação do Campo e a defesa da Petrobrás (Ibidem).

O grupo trouxe nas reflexões a importância do contato com a história de resistência dos povos no mundo, das revoluções triunfantes, dos povos indígenas e do povo negro nos espaços da organização para relacionar a teoria com a prática, já que esses conteúdos não são trabalhados nas escolas. Os apontamentos, a partir da prática da investigação, trazidos na elaboração teórica que produzi, foram no sentido da necessidade de sistematização das experiências da organização, ou seja, de enraizar esse processo com a militância e, paralelo a isso, nos aprofundarmos sobre quais são os valores éticos que fazem parte da transformação que construímos (Ibidem).

Através da investigação, ou seja, a partir da compreensão das táticas e da estratégia do Levante em sua relação com as organizações do Campo Popular no

Brasil e com a história de luta das classes trabalhadoras e das revoluções vitoriosas no mundo e na América Latina e considerando também sua prática, mostrou-se a necessidade de aprofundamento na elaboração sobre o direito de vivenciar a juventude e sobre os direitos da juventude para a construção de um Projeto Popular para o Brasil e da revolução socialista brasileira.

Esse debate e elaboração, acompanhado do processo de formação política integral e das sistematizações sobre as experiências feitas pela própria militância, devem compor as bases de um paradigma alternativo na atualidade. Tanto pela necessidade quanto pela própria prática destas organizações, a exemplo da iniciativa de formação “Ação Cultural Para a Liberdade” do Levante, que deve qualificar e enraizar este processo com a militância, e das pesquisas em desenvolvimento pelo Instituto Tricontinental em parceria com o movimento sobre as juventudes, realizadas em seis capitais do Brasil.

Assim, a prática, a produção teórica sobre a prática da juventude e a prática da sua teoria, demonstram a capacidade que temos de sermos sujeitos da política e comprometidos com a construção das transformações radicais e da abolição das explorações do ser humano sobre o ser humano. No entanto, é essencial ressaltar a necessidade constante de nos aprofundarmos sobre os temas, elaborarmos sobre eles e desenvolvermos o método e nossas opções de valor nesse processo que, na relação com a consciência de sua existência (do processo), nos apresenta a base da ação planejada dos seres humanos (FREIRE, 1982).

A ciência é um único processo formativo de conhecimento, no entanto o que se nota hoje é que os interesses da burguesia são defendidos por um aparato científico construído com essa finalidade (FALS BORDA, 1981). Dessa forma, é extremamente importante para a construção de uma nova sociedade destacar a legitimidade que têm as organizações de juventude nesse processo.

Consideramos, desde os princípios do marxismo-leninismo, que “a organização é a forma de mediação entre a teoria e a prática” (LUCKÁCS, 1975, p. 312 apud BORDA, 1978, p. 27). E se o processo de produção do conhecimento é único na história da humanidade e as organizações não fetichistas e sérias aplicam de fato o princípio leninista de que sem teoria revolucionária, não há prática revolucionária (FALS BORDA, 1978), é imprescindível o comprometimento destas organizações com a auto-investigação.

Se não se dá consequência a este processo sem o incentivo e a compreensão das organizações de sua importância, tampouco é possível que ele ocorra se não há o compromisso das e dos investigadores, participantes ou não destas organizações.



E se nos exige compromisso, já nos diz que não será espontâneo, que não se dará sem esforços, sem enfrentar contradições. A busca permanente da coerência entre o que se diz e o que se faz acontece em uma relação constante entre sentir e pensar – em que, em turnos, um afeta ao outro –, de forma que assumir uma posição enquanto intelectual e enquanto povo jamais constituirá uma contradição do fazer científico.



## Referências bibliográficas

FALS BORDA, Orlando. **Por la praxis**: El problema de cómo investigar la realidad para transformarla. Bogotá: FUNDABCO, 1978.

\_\_\_\_\_. *La ciencia y el pueblo: nuevas reflexiones*. In: \_\_\_\_\_. *Ciencia propia y colonialismo intelectual*. Bogotá: Carlos Valencia Editores, 1981, p. 65-84.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREITAS, Letícia Archanjo. **Juventude em movimento**: método de investigação e prática educativa. 2021. 62. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.